

A PRÁTICA EXPLORATÓRIA: UMA ABORDAGEM DE ENSINO/PESQUISA ÉTICO-CRÍTICA EM LINGUÍSTICA APLICADA

Aline DEOSTI

deosti@gmail.com

Secretaria de Estado de Educação do Paraná (SEED)

RESUMO

A Prática Exploratória surgiu no Brasil, no início da década de 90, pela presença e iniciativa do professor britânico Dick Allwright, como uma alternativa de realizar pesquisa em sala de aula de línguas de modo colaborativo. Cansados das perspectivas tecnicistas de pesquisa, Allwright e outros pesquisadores procuraram desenvolver orientações éticas sobre a pesquisa a partir da prática de ensino de línguas e aquisição de segunda língua e a partir da vivência em sala de aula (ALLWRIGHT, 2005). Após anos de reflexão e pesquisas realizadas nessa área, a Prática Exploratória, é entendida, hoje, como uma perspectiva híbrida de trabalho investigativo ético e de prática pós-moderna de ensino; é um modo cuidadoso de olhar a sala de aula e perceber que a prática docente é uma atividade colaborativa que envolve relações assimétricas, emoções, afetividade e frustrações. A partir desse olhar, a Prática Exploratória se constitui, tanto numa abordagem ética de ensino, como numa perspectiva para conduzir pesquisas em sala de aula com foco na Linguística Aplicada. O propósito dessa abordagem é entender os aspectos que contribuem para o desenvolvimento da natureza da qualidade de vida na sala de aula de línguas ao mesmo tempo que se desenvolve atividade de aprendizado da língua. Com esse trabalho, tenho objetivo de apresentar as questões pertinentes à abordagem teórica da Prática Exploratória, a partir das reflexões apresentadas por Allwright (1996, 2000, 2001, 2002, 2005 e 2006), Miller (2010, 2011) e Deosti (2014). Para tal objetivo, discutirei, em especial, o conjunto de princípios da Prática Exploratória. Tais princípios visam ajudar professores e alunos a desenvolver uma reflexão e conscientização sobre o trabalho desenvolvido em sala de aula; orientam o desenvolvimento de uma postura crítica e a busca pela construção de entendimentos em face de atividades pedagógico-investigativas de ensino; e, ainda, visa compreender micro-contexto da sala de aula. Desse modo, a Prática Exploratória está aberta a diversas metodologias de geração de dados - como, diário de campo, gravação de aulas, questionários e reuniões pedagógicas - e se encaixa no tipo de análise interpretativista de cunho qualitativo.

Palavras-chave: Linguística Aplicada; Prática Exploratória; Pesquisa e ensino de línguas;

1. INTRODUÇÃO

Este capítulo traz reflexões sobre o suporte teórico de uma filosofia educacional chamada Prática Exploratória (PE). O presente capítulo começa com a discussão sobre a

pesquisa em sala de aula e as questões éticas que a envolvem, visto que é um tipo de pesquisa que se estende pela subjetividade das pessoas.

Depois disso, o foco é direcionado para apresentação da justificativa da escolha da PE como abordagem para o desenvolvimento de uma pesquisa. Esse capítulo continua com a discussão dos princípios e se encerra com a explanação dos procedimentos que caracterizam a Prática Exploratória, de acordo com Allwright (1996, 2000, 2001, 2002, 2005 e 2006) e Miller (2011 e 2013).

2. A PRÁTICA EXPLORATÓRIA: PESQUISA E ÉTICA

A Prática Exploratória (PE), de acordo com Allwright (2001), é uma proposta de educação e pesquisa que visa conduzir professores, estudantes, pesquisadores e equipe escolar à reflexão, não apenas sobre suas práticas pedagógicas, mas também sobre qualquer questão que envolva afetividade, aprendizagem, sucessos e insucessos.

Em muitas metodologias de pesquisas de sala de aula, como a Pesquisa-ação, prioriza-se a reflexão do pesquisador sobre seu próprio trabalho, privilegiando a visão e o julgamento do professor-pesquisador. A perspectiva da Prática Exploratória toma como parte das reflexões a voz e opinião dos estudantes e demais participantes.

A Prática Exploratória não é exatamente um método de pesquisa, com processo lógico, sistemático e organizado, “mas sim um conjunto de princípios para entender a complexidade do ambiente em que alunos e professores estão” (ALLWRIGHT, 2006, p. 01). A mesmo tempo, a pesquisa desenvolvida segundo os princípios da Prática Exploratória tem o objetivo de contribuir com o ensino e o aprendizado de língua dos praticantes e, ao mesmo tempo, com o desenvolvimento pessoal e profissional, individual e coletivo. A proposta visa integrar pesquisa e pedagogia. Atividades comuns de ensino são usadas para gerar dados e discutir questionamentos sobre a natureza da qualidade de vida no ambiente de trabalho.

Desse modo, os princípios da Prática Exploratória se constituem num “modo de ensino (e aprendizagem) de língua que não promove apenas a linguagem, mas também nosso entendimento do que acontece na sala de aula de línguas”.¹ (ALLWRIGHT, 1996, p. 11). O termo chave para o propósito da Prática Exploratória é “entendimento”. O início do processo de entendimento é feito por meio da convocação de professores, estudantes e demais interessados a discutirem o que os incomoda/agrada no decorrer da aula.

Professores de línguas têm o privilégio de poderem usar o tempo de aula para discutir o que os incomoda/agrada e ao mesmo tempo utilizar atividades pedagógicas para o ensino do idioma. Segundo Allwright (2000), a Prática Exploratória envolve o trabalho para entender: i) o que os participantes querem entender, sem fugir de seus calendários; ii) que a ação para o entendimento faz parte das atividades de ensino e aprendizagem em sala de aula; iii) que a mudança pode acontecer, mas não precisa, necessariamente, ocorrer; e, acrescento iv) que a mudança pode significar a própria escolha em não mais buscar mudança² e v) buscar entender e saber conviver com a diferença e o diferente, além de perceber que a mudança não aponta para uma padronização dos sentidos.

Uma realização importante na Prática Exploratória é trazer a noção de “entendimento” para o trabalho investigativo, ao invés de trabalhar com a noção de pesquisa para “solução de problemas”. Nessa perspectiva, o entendimento da qualidade de vida na sala de aula para professores e estudantes é o critério fundamental.

Conforme Chaves (2011), é o entendimento do contexto e das questões de sala de aula que deve ser o foco da PE, e não a resolução de problemas específicos. Para Chaves, quem trabalha “para entender” não acredita que a vida é feita de problemas a serem resolvidos separadamente, mas entende que o mundo é composto de interessantes e contínuos questionamentos (puzzles) (CHAVES, 2011, p. 07).

1 No original “way of getting language teaching (and learning) done in such a way that it not only fosters language itself but also fosters our understanding of what happens in the language classroom”(ALLWRIGHT, 1996, p. 11) (tradução minha).

2 Entretanto, isso não significa que mudanças possam ocorrer de qualquer forma. A mudança significa não colocar o foco por uma busca pela mudança.

Visto que a aula é uma atividade de interação regular entre professor e aluno o trabalho para entender os questionamentos é, também, uma atividade sustentável. Pois dessa relação há sempre momentos conflituosos de onde surgem novos questionamentos. Assim, da relação entre professor, aluno, pedagogo e coordenadores emergem situações mal compreendidas, que, no contexto de sala de aula, podem funcionar como nicho onde surgem questionamentos sobre o que os incomoda/agrada na vida escolar.

3. POR QUE A PRÁTICA EXPLORATÓRIA?

A escolha pela Prática Exploratória como conjunto de princípios para guiar uma investigação pode se justificar porque ela é uma perspectiva essencialmente pós-estruturalista, cuja proposição não depende necessariamente do funcionamento de todos os seus termos; cujo desenvolvimento é influenciado pela prática local da construção de conhecimento - o que vai reverberar na construção global do saber - e também, em especial, devido à perspectiva ética da mesma na relação entre ‘pesquisador’ e ‘pesquisado’.

A Prática Exploratória envolve a vida das pessoas participantes, vez que é preciso lidar com as vidas das pessoas que vivem juntas na prática que está sob investigação. Assim, “levados a lidar com esses aspectos éticos da investigação nos distanciamos da noção de pesquisa por uma terceira pessoa, aonde questões éticas não iam além de questões de anonimato³” (ALLWRIGHT, 2005, p. 357-358). A noção de pesquisa, sob esses princípios, não é uma atividade parasita – na qual a terceira parte individualmente observa as aulas de um professor e faz sua investigação unilateralmente -; a pesquisa é uma atividade de suporte à prática pedagógica, que envolve professor, estudantes e demais funcionários da escola, e, ao mesmo tempo, pode funcionar também, segundo Miller (2011), como perspectiva híbrida de trabalho investigativo ético para pessoas em formação docente, em cursos de pós-graduação e mesmo graduação.

3 No original “being forced in this way to deal with the ethical aspects of investigation take us far from the traditional notion of research by a third party where ethical considerations did not go far beyond notions such as anonymity”. (tradução minha)

4. OS PRINCÍPIOS DA PRÁTICA EXPLORATÓRIA

A Prática Exploratória oferece um conjunto de princípios para fazer uma pedagogia-investigativa em sala de aula Allwright (2006). O propósito é entender os aspectos que contribuem para o desenvolvimento da natureza da qualidade de vida na sala de aula de línguas, tomando como base os seguintes princípios:

4.1. Colocar a 'qualidade de vida' primeiro lugar

Buscar o entendimento da natureza da qualidade de vida de professores e de estudantes é uma das maiores preocupações na pesquisa exploratória. Allwright (2006) sugere trabalhar com a busca por esse entendimento ao mesmo tempo em que se desenvolvem atividades pedagógicas do conteúdo da disciplina. Nesse sentido, não se coloca foco puramente nos resultados do processo de ensino e aprendizagem, visto que há casos, por exemplo, em que professores preocupam-se tanto com os resultados dos exames que nem ao menos pensam se os estudantes gostam ou não de sua aula. As aulas devem ser boas, primeiramente, para os professores, caso contrário não será bom para os estudantes de qualquer forma. Para Allwright (2006),

a grande vantagem é a auto estima; as pessoas envolvidas parecem passar a pensar numa maneira de melhorar a si mesmas, e em aproveitar mais a vida, porque sentem que têm a confiança de outras pessoas. E particularmente os aprendizes, que gostam de ser levados a sério (ALLWRIGHT, 2006, p. 01).

A sala de aula é um ambiente complexo e subjetivo. Para Allwright (2006), quanto mais informações tivermos sobre ela melhor a entenderemos e, quanto mais a entendermos, melhor será a experiência em estar dentro da sala de aula. A Prática Exploratória é um modo de estar em sala de aula que busca compreender o que acontece no cotidiano escolar; “é uma maneira alternativa de olhar e ver que talvez seja melhor que aprendizes e

professores tenham uma relação mais próxima, de confiança, ao invés de distância e medo” (opus cit. p.02). Entretanto, esse processo não é exatamente uma prática fácil de ser realizada, vez que, em muitas salas de aula, os estudantes apresentam resistência perante as novas propostas e atividades ou simplesmente não as aceitam.

Seguindo a linha de pensamento da Prática Exploratória, entendo que o processo de aprendizagem envolve subjetividades e, portanto, não tem fórmulas que gerem resultados exatos. Desse modo, trato “o ensino” e “a aprendizagem” como processos de construção de conhecimento desenvolvidos por meio do trabalho conjunto e localizado. Segundo Houaiss; Villar (2009), cada ser humano envolvido nesse processo de construção tem uma “realidade psíquica, emocional e cognitiva [...], passível de manifestar-se simultaneamente nos âmbitos individual e coletivo, e comprometida com” o desenvolvimento intelectual. Desse modo, quando o profissional de educação coloca suas expectativas somente sobre a qualidade do resultado do trabalho educacional, a possibilidade de frustrar-se é bastante grande.

Para a Prática Exploratória, ter qualidade de vida em sala de aula e fora dela significa entender a complexidade desse ambiente compreendendo: o ponto de vista de seus participantes, professor e aprendizes; as diferenças entre as pessoas, e que há, necessariamente, conflitos entre elas, além de buscar estabelecer uma relação de confiança ao invés de distância entre professor e estudantes.

A Prática Exploratória não prevê a existência de conflitos em seus princípios, de forma a gerar aprendizado. Mas isso não significa que tais conflitos não existam, ou que não sejam desejáveis. Pelo contrário, como aponta Miller (2013), a noção de “qualidade de vida” na Prática Exploratória não implica qualidade boa ou má. O termo não é muito apropriado, segundo a pesquisadora, porque pode pressupor os mesmos sentidos atribuídos em outros contextos, como lazer, saúde e mesmo boas condições de moradia, bastante utilizados em estratégias de marketing. Para a Prática Exploratória, no entanto, “qualidade de vida” implica um olhar, um cuidado para com as relações interpessoais, que passam a ter prioridade na sala de aula. Implica tentar entender o que acontece entre os participantes da prática educacional, sem, contudo, buscar especificamente “melhorar” as relações. A

melhora pode ser uma consequência dessa busca pelo entendimento, mas, em alguns casos, esse processo pode gerar mais conflitos.

Assim, a qualidade de vida está toda embasada na própria noção de entendimento do universo de cada sala de aula, suas delimitações, suas habilidades, seus conflitos e seus consensos. Voltando-se para o professor, é relevante destacar, nesse momento, que o objetivo dos princípios da Prática Exploratória não é buscar a solução para as dificuldades, mas compreendê-las e saber que é necessário lidar com cada grupo de aprendizes e com suas peculiaridades distintas.

4.2. **Trabalhar para entender a vida na sala de aula de línguas**

A noção de entendimento não foi introduzida na pesquisa em sala de aula pela Prática Exploratória, mas ela (a PE)

ênfatisa a fase investigativa do processo, suspendendo o compromisso de encontrar resultados, soluções e respostas para algum problema. Assim, o entendimento não é uma inovação. O que é inovador na Prática Exploratória é o fato de colocar o entendimento como foco de um trabalho investigativo⁴ (ALLWRIGHT, 2006, apud ALLWRIGHT, 2009, p. 151).

Nesse sentido, o objetivo da Prática Exploratória não é a ação para a mudança – na busca de encontrar novos meios para resolver problemas antigos – mas é manter o foco na ação para o entendimento da questão de sala de aula que, sob algum aspecto, despertou interesse. Colocar o foco no processo de entendimento do trabalho investigativo é também uma prerrogativa do paradigma Etnográfico de pesquisa. Porém na PE, sujeito participante tem consciência do seu papel no desenvolvimento da pesquisa. Portanto, o participante da Prática Exploratória tem como objetivo buscar o entendimento, ao invés de buscar resolver

4 Original“...highlights this phase of investigative process, lifting the burden of finding results, solutions and answers to a problem. So, understanding is not an innovation in itself. What’s innovative here is placing understanding as the main focus of an investigative work”. (ALLWRIGHT, 2006, apud ALLWRIGHT, 2009, p. 151), (tradução minha).

problemas, e o trabalho para o entendimento não deve ser percebido como pré-requisito para um trabalho para mudança.

Por sua vez, Allwright (2009, p. 151) sugere que o entendimento é um pré-requisito para tomadas de decisões inteligentes, a Prática Exploratória não defende um posicionamento que nega a mudança; mas é contra “a mudança sem conhecimento e contra pressão para mudar sem esforço para entender”⁵.

Desse modo, trabalhar para entender evita conclusões fundamentadas em interpretações decorrentes de impressões e mudanças ou soluções imediatas sem investigação. A relevância “está no entendimento do “porquê” daquilo que nos chamou atenção; se este entendimento levar à mudança, solução ou simplesmente deixar ser o centro de nossa atenção será apenas uma consequência” (PURCELL et aliae, 2003, p.02). Assim, a mudança para solucionar problemas não é o foco do trabalho segundo a Prática Exploratória, mas ela pode ocorrer em decorrência do trabalho de reflexão para o entendimento do ambiente de sala de aula.

4.3. **Envolver todos nesse trabalho**

A pesquisa sob a perspectiva da Prática Exploratória tem a proposta de congregar todas as pessoas que, direta ou indiretamente, estejam envolvidas com a sala de aula, seja ela de línguas ou de outras disciplinas. Os indivíduos não são vistos como meros objetos de pesquisa; são considerados sujeitos praticantes da mesma. Cada um com sua motivação e na sua singularidade contribui para o desenvolvimento da mesma. O terceiro princípio é, portanto, dedicado aos participantes.

Segundo Allwright (2002), no processo de construção de conhecimento, dentro de uma sala de aula, entram em jogo processos de objetivação e subjetivação; as pessoas são envolvidas por afetividade, processos cognitivos, história e memória materializados no discurso. Deste modo, o envolvimento participativo e colaborativo de todos é questão ética

⁵ No original, “*unintelligent* change, and against bureaucratic pressure for change in the absence of an effort to understand”.

da pesquisa em sala de aula de línguas, vez que não busca focalizar questões imediatas e técnicas, mas considera os participantes de forma holística. A busca pelo entendimento cabe não somente ao professor, mas também aos alunos e outros interessados, envolvendo todos no trabalho.

De um lado, o professor pode desenvolver a pesquisa na sua própria sala de aula. Por outro lado, os estudantes são capazes de entender o aprendizado com seriedade, tomar decisões independentes e se desenvolver como aprendizes autônomos, visto que as propostas de atividade exploratória assumem o estudante enquanto sujeito ativo que deve ter a chance de participar das negociações de efeitos de sentido do discurso. Também é possível envolver os funcionários da escola ou terceirizados no trabalho exploratório. E a participação de um pesquisador externo também faz parte da Prática Exploratória, desde que a agenda dele se concilie com a do professor.

4.4. Trabalhar pela união de todos

A Prática Exploratória busca o envolvimento, a participação, a reflexão e a cooperação de todos, a fim de que a integração dos participantes na busca por entendimentos de questões contribua com a compreensão de como ele, o participante, está envolvido nas atividades regulares de sala da aula. Assim, a Prática Exploratória deve significar ““*nós* pesquisamos *nossa* prática” (o que difere da pesquisa acadêmica em que “*eu* pesquiso o *seu* ensino” e da Pesquisa Ação onde “*eu* pesquiso *meu* ensino)⁶” (ALLWRIGHT, 2005, p.357).

Sob esse horizonte, a convivência entre os participantes da investigação no desenvolvimento do trabalho baseia-se no estabelecimento de uma relação de confiança. Eticamente, isso não implica que as pessoas envolvidas nessa prática devam trabalhar sempre num relacionamento de cooperação e cordialidade. O conflito desempenha um

6 No original ““*We* research *our* practice (to be compared with academic researcher’s “*I* research *your* teaching.” and with the Action Researcher’s “*I* research *my* teaching”)” (ALLWRIGHT, 2005, p.357) (tradução minha).

papel importante nessa esfera, na medida em que funciona como espaço para questionamentos e problematização das perspectivas. O conflito, para Fogaça (2010, p. 103 e 133), sob esse horizonte, funciona "como mola propulsora de desenvolvimento" e aprendizagem. Cada participante pode desenvolver seus próprios entendimentos, sem querer mudar o entendimento dos outros para criar o consenso. Sob esse olhar, a heterogeneidade, a diferença e o dissenso é inerente das relações humanas e o processo educacional não visa promover conceitos hegemônicos e universais.

4.5. **Trabalhar para o desenvolvimento mútuo**

A democratização do saber – nos leva a operar em um plano onde ninguém serve de objeto de pesquisa para o outro, mas onde “somos todos – professores, alunos, colegas – companheiros e co-participantes dessa busca pelo entendimento” (Purcell et aliae, 2003, p. 02). Essa relação não implica, entretanto, uma neutralidade nas relações entre os participantes. Como aponta Albuquerque (1995), há sempre uma assimetria nas relações de poder que institui a autoridade e a obediência/resistência. A inovação na proposta da Prática Exploratória é que as pessoas envolvidas na pesquisa tenham consciência de seus papéis, tenham autonomia tanto quanto possível e possam ser agentes ao invés de objetos observáveis. Aspecto que difere a Prática Exploratória da Etnografia.

Segundo Moita Lopes (2006, p. 86 apud MILLER, 2011, p. 323), “ao desejar que professores e alunos trabalhem para entender suas questões sobre o que acontece em sala de aula” deseja-se abrir espaços para que se ouçam as vozes dos que estão à margem.

Allwright (2005) sugere que a Prática Exploratória deva ser um trabalho reflexivo, no qual professores, estudantes, coordenadores e pesquisadores se integrem na busca por entendimento de suas práticas pedagógicas cotidianas. Assim, a Prática Exploratória requer

o uso deliberado da investigação de atividades corriqueiras de ensino e aprendizagem de línguas, como meio de coletar registros sobre o que acontece em sala de aula, inicialmente, fazendo ao mesmo tempo, uma contribuição direta à aprendizagem (ALLWRIGHT, 2005, p. 02).

Os participantes, por meio de atividades pedagógico-investigativas cotidianas, trabalham juntos para buscar entendimento de qualquer assunto que os instigue. E, segundo Allwright (1997), é fundamental haver colegialidade entre eles, vez que ao desenvolver a pesquisa os participantes precisam de outras pessoas para conversar, dividir e obter ideias, assim seus entendimentos podem ser refinados por meio da discussão.

O desenvolvimento mútuo deriva, portanto, do envolvimento dos participantes que atuam num processo em que os questionamentos são relevantes para todos, onde o trabalho individual dentro do grupo gera oportunidades de crescimento para todos os demais participantes, além de benefício pessoal e prático.

4.6. Fazer com que o trabalho seja contínuo e não uma atividade dentro de um projeto

A Prática Exploratória foi desenvolvida com o objetivo de oferecer maior satisfação no trabalho, portanto a continuidade do trabalho exploratório é importante. Em sua perspectiva seminal, essa abordagem não foi desenvolvida para um projeto particular de pesquisa, mas para integrá-la ao trabalho permanentemente. Para Allwright (1997), o trabalho exploratório deve ser sustentável, e para tanto, requer integrar o trabalho para o entendimento às práticas profissionais cotidianas. Como argumenta Chaves (2011, p. 07), “quem trabalha “para entender” não acredita que a vida é feita de problemas a serem resolvidos separadamente, mas entende que o mundo é composto de interessantes e contínuos questionamentos”.

Obter sucesso na pesquisa exploratória é diferente de ter sucesso na pesquisa acadêmica. Para a pesquisa acadêmica “tradicional”, o sucesso depende da aplicação e condução precisa dos conceitos teóricos do projeto de pesquisa que produzirá mais ou menos resultados indubitáveis, os quais deverão ser sistematicamente relatados para o desenvolvimento da teoria e que poderão, em última instância, serem aplicados à prática. Por outro lado, o sucesso da Prática Exploratória depende mais da integração e da continuidade da perspectiva de pesquisa na prática pedagógica, o que, segundo Allwright

(1997), leva a entendimentos locais, que podem ser incorporados na prática, e que devem contribuir para entendimentos mais globais e, assim, para o desenvolvimento de teoria⁷.

5. PROCEDIMENTOS DA PRÁTICA EXPLORATÓRIA

O desenvolvimento da Prática Exploratória envolve ensino e aprendizagem de língua(gem) por meio de procedimentos que buscam integrar a pesquisa com a prática pedagógica. Para tanto, Allwright (2005) apresenta oito procedimentos que podem funcionar como guias para a prática da PE. Os procedimentos diferem de uma metodologia com procedimentos rigorosos; primeiro porque é possível seguir a todos os procedimentos, como também seguir apenas parte deles e ainda porque é possível desenvolver outros procedimentos de acordo com o contexto. Segundo, o desenvolvimento dos procedimentos ou de parte deles não gera resultados indubitáveis como prevê os métodos com sequência fixa e rigorosa de técnicas e procedimentos.

a) *Identificar uma área de puzzle* ou questionamento é o ponto inicial. O termo “puzzle” ou questionamento pode ser comparado a um quebra-cabeça. A solução do mesmo está no seu entendimento e no ‘encaixe das peças’. O questionamento, por exemplo, pode ser uma dúvida, uma situação positiva ou negativa que ocorra em sala de aula.

b) *aperfeiçoar seu modo de pensar a área do questionamento* – esse é um passo fundamental; “ele gira em torno do desenvolvimento da habilidade de ‘explorar’ mentalmente uma questão, sem, contudo, aceitar o primeiro entendimento

7 No original “I would argue [...] that success in ‘practitioner’ research depends more on the integration into the *continuous* pedagogic enterprise of a *research perspective* which is used to lead to local *understandings*, that can be incorporated into *practice*, and they may contribute to more global understandings, and thus to the development of *theory*” (ALLWRIGHT, 1997, p. 3) (tradução minha).

sobre ela⁸” (ALLWRIGHT, 2005, p. 365) (tradução minha). A reflexão, a partir de diversos ângulos, pode ser feita individualmente ou em grupo.

c) *selecionar e se concentrar em um tópico particular* – essa escolha pode recair sobre algum aspecto, questão ou necessidade imediata, mas precisa ter o foco no tópico central que originou a questão global.

d) *encontrar procedimentos de sala de aula adequados para explorar o tópico particular* – esses procedimentos devem ser práticas pedagógicas conhecidas e confiáveis que possam tanto explorar a investigação como ter propósitos pedagógicos.

e) *adaptar os procedimentos ao questionamento que você deseja explorar* – adaptar atividade pedagógica para coletar informações que ajudarão investigar o questionamento. Por exemplo, substituir a discussão de tópicos mais tradicionais como “sustentabilidade” ou “férias” pelo questionamento escolhido.

f) *usar procedimentos de pesquisa-pedagógicos em sala de aula* – professores precisam desenvolver habilidades de monitoramento para usar atividades com potencial pedagógico e simultaneamente com propósito de coletar dados para pesquisa.

g) *interpretar os resultados* – os resultados podem ser de valor prático para o professor e também para os estudantes. Ninguém sabe de antemão para onde uma análise o levará, no entanto, Allwright (2005) elenca três apontamentos que podem ser esperados:

- *Tempo de comprometimento* – o tempo de preparo de aula aumentará. Por exemplo, incluir atividades de pesquisa nas aulas demanda tempo.
- *Fardo para adquirir novas habilidades* – professor precisa aprender novas habilidades requeridas para fazer pesquisa, o que toma tempo e esforço intelectual.
- *Ameaça a autoestima*– fazer uma pesquisa na própria sala de aula significa que o professor corre o risco de descobrir coisas que ele não teria que enfrentar.

8 No original “it revolves around developing the ability to mentally “explore” an issue, and not to accept a first interpretations of it”

h) decidir e planejar de acordo com os resultados – há quatro diferentes possibilidades de trabalho que dão sequência a uma investigação exploratória.

- A mais óbvia, um novo questionamento emerge do antigo. Do *puzzle* antigo, que foi refinado no processo de investigação, surge outro *puzzle* sem necessariamente mudar totalmente a direção;
- Um questionamento inteiramente novo emerge. O antigo *puzzle* é abandonado, pois se acredita ter aprendido o suficiente com ele, justificando-se a mudança de direção;
- Mudanças pedagógicas ocorrem em sala de aula, caso se mostrem necessárias com o aprendizado adquirido. Aspecto semelhante à Pesquisa Ação, compreendida como uma metodologia de pesquisa em sala de aula de ensino e aprendizagem em línguas com foco na mudança.
- Recrutamento de mais pessoas a participarem da investigação. Professor ou professores praticantes da Prática Exploratória aprendem suficientemente que desejam trazer mais pessoas para a prática, tendo em vista o benefício de ter mais interpretações e contribuições convincentes para construção geral da teoria.

Para Allwright (2001, p. 120), a Prática Exploratória tem o foco na “ação para entender” e não quer encorajar os professores a “tentarem *resolver* problemas antes de haverem feito o máximo para *compreendê-los*” (grifos do original).

6. CONCLUSÕES

Em qualquer contexto educacional a vida na sala de aula é difícil de ser entendida, visto que é uma atividade rica em complexidade e contínua para professores, pesquisadores e estudantes. Se pesquisadores puderem entender melhor questões de sala de aula talvez por meio do entendimento dos participantes sobre elas, eles podem ser capazes de oferecer sínteses valiosas para o campo como um todo.

Por um lado, sob a ótica tradicional de pesquisa acadêmica, segundo Allwright (2006), é aceitável que os pesquisadores tentem entender seu objeto de pesquisa a partir de

teoria previamente divulgada numa tentativa de validá-la naquele contexto específico e, então, tentem passar a teoria para quem de fato pode usá-la. No caso da área educacional, por exemplo, um pesquisador pode desenvolver sua pesquisa com distanciamento em relação ao objeto pesquisado e descrever o funcionamento da teoria com neutralidade e objetividade científicas; trabalho típico do positivismo iluminista. A comprovação e validação da teoria significa que a mesma está pronta para que os professores atuantes em sala de aula possa ensiná-la aos seus alunos. Tal processo coloca o professor⁹ como consumidor dos resultados de pesquisas de terceiros e não como sujeito reflexivo e produtor de conhecimento.

Por outro lado, para a Prática Exploratória, a pesquisa é um trabalho colaborativo junto às pessoas que integram a escola; as quais se envolvem na busca pelo entendimento de questões problemáticas de sala de aula.

A reflexão desenvolvida a partir dos questionamentos (desenvolvidos sob a prerrogativa da Prática Exploratória) angaria os conhecimentos contextuais dos estudantes, professor e/ou pesquisador, valorizando-os e permitindo-lhes produzir *conhecimento* a partir do trabalho reflexivo co-participativo. E, visto que utiliza a língua para produção de sentidos, promove o desenvolvimento tanto intelectual como linguístico dos participantes, o que pode ser desenvolvido englobando as quatro habilidades linguísticas, fala, escrita, leitura e audição, a depender do planejamento do professor.

Sob a orientação da Prática Exploratória, o trabalho para entender a vida na sala de aula de línguas e o trabalho especificamente linguístico “é um modo de trabalhar não no “universal”, no “exemplar”, no “justo-e-verdadeiro-para-todos”, mas em setores determinados, em pontos precisos [...] seja suas condições de trabalho, seja suas condições de vida” (FOUCAULT, 2010, p. 9).

Assim, o pesquisador sozinho não conduz a pesquisa, mas o faz em conjunto com o sujeito participante, isto é, estudante, professor, coordenador etc.; é um trabalho de

⁹ Professor aqui significa aquele que atua em sala de aula; aquele que segundo as atuais condições trabalhistas no Brasil se dedica integralmente ao ensino e que não tem tempo hábil para realizar estudos para sua formação continuada.

promoção dos acontecimentos e do conhecimento local dos praticantes exploratórios¹⁰. Para Moita Lopes (2006, p.103), “esse princípio ético é parte da constituição de uma coligação anti-hegemônica que colabora na construção de significados oriundos de outras vozes”; trata-se de um fundamento ético que embasa a Prática Exploratória.

Nesta linha de pensamento, desenvolver uma pesquisa em sala de aula mantendo o foco na busca pelo entendimento desse ambiente conduz o praticante exploratório - professores, estudantes, pesquisadores, coordenadores – a aprender a lidar com as diversas e variadas situações de classe, sejam elas relacionadas ao ensino, à aprendizagem, a relacionamentos, a métodos etc. O participante enfrenta qualquer dificuldade de forma mais sábia, pois trabalha para entender o que está acontecendo.

REFERÊNCIAS

- ALLWRIGHT, D. *Teacher training and teacher development: integration and diversity*. Ankara, Turkey: BilkentUniversity. 1996. Disponível em <<http://www.ling.lancs.ac.uk/groups/crile/docs/crile56allwright.pdf>> Acesso em 02 jul 2012.
- _____. *Exploratory practice involves*. 2000. Disponível em <<http://www.letras.puc-rio.br/epcentre/readings/characteristics%20oht.htm>> Acesso em 27 jun 2012.
- _____. Three Major Processes of Teacher Development and the Appropriate Design Criteria for Developing and Using Them. In: JOHNSTON, B.; IRUJO, S (Eds). *Research and practice in language teaching education: voices from the field*. CARLA working paper 19. Minneapolis: University of Minnesota. May, 2001. p. 115-133. Disponível em: <http://www.carla.umn.edu/resources/working-papers/documents/WP19_LTEvoices.pdf>. Acesso em 27 jun. 2012.
- _____. *Putting 'quality of life' first: towards a new view of exploratory practice*. Lancaster: 2002. pp. 1-7. Disponível em <http://www.ling.lancs.ac.uk/groups/crile/EPCentre/newsletter2002/html/principles_of_ep>. Acesso em 02 jul 2012.
- _____. Developing principles for practitioner research: the case of Exploratory practice. *The modern Language journal*, Lancaster. v.89, n.3. p. 353-366. 2005.
- _____. Personal communication. 3 may 2006. In: ALLWRIGHT, D.; HANKS, J. (Eds.) *The developing language learner: an introduction to exploratory practice*. United Kingdom: Palgrave Macmillan, 2009.
- CHAVES, A. L. de E. Prática exploratória: uma experiência libertadora. *Web revista Sociodialeto*. UEMS/Campo Grande. v. 1, n.4. Julho 2011.p. 1-24.
- FOGAÇA, F. C. *Reuniões pedagógicas e autoconfrontações: possíveis espaços de desenvolvimento de Londrina*, Londrina, 2010.

¹⁰ Nome dado às pessoas que participam da pesquisa sob a perspectiva da Prática Exploratória.

- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Trad. e Org. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.
- GIEVE, S.; MILLER, I. K. What do we mean by quality of classroom life?. In: GIEVE, S.; MILLER, I. K. (Eds.). *Understanding the language classroom*. Palgrave: MacMillan, Hampshire, 2006. p. 18-46.
- HOLISMO. In: HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário de Língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. 2009.
- MILLER, I. K. Prática Exploratória na educação continuada de professores de línguas: inserções acadêmicas e teorizações híbridas. In: SILVA, K. A. da; et al. (Orgs.) *A formação de professores de línguas: novos olhares*. Campinas: Pontes, v.2, 2011. p. 319–341.
- _____. Exame de qualificação de mestrado de Aline Deosti. [Audio] Curitiba: UFPR, 20 de Nov de 2013.
- MOITA-LOPES, L. P. (Org). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.
- PURCELL, D. et aliae, Pela qualidade de vida na sala de aula. In: *2º Seminário Internacional de Educação*. Campinas: 2003.